

# FORMAÇÃO DOCENTE E A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS: AS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS NO CONTEXTO DO SEMI-ÁRIDO<sup>1</sup>

Elmo de Souza Lima (UFPI<sup>2</sup>)

## Resumo

Com este trabalho pretendemos refletir sobre o projeto de formação docente executado pela Escola de Formação Paulo de Tarso, no semi-árido piauiense, com o intuito de compreender suas contribuições para a produção de novos materiais didáticos voltados para a realidade sociocultural do sertão. O projeto foi desenvolvido com o intuito de construir novos processos formativos contextualizados no Semi-árido que ressignificassem os saberes docentes através da problematização das práticas pedagógicas. As discussões fundamentam-se nos trabalhos de Candau (2002), Canen (2001), Freire (1996), Nóvoa (1995), Schön (2000) e Silva (2007). Trata-se de uma pesquisa qualitativa com ênfase na abordagem estudo de caso. Constatamos que o projeto de formação foi desenvolvido numa perspectiva contextualizada, articulando os saberes docentes com os valores culturais que norteiam as práticas sociais. Os processos formativos contribuíram tanto na valorização e problematização da cultura sertaneja, quanto na produção de novos materiais didáticos que potencializem o diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes populares.

**Palavras-chaves:** Formação docente. Produção de materiais didáticos. Semi-árido.

## 1. Introdução

Com este trabalho queremos compartilhar algumas reflexões construídas, a partir da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Piauí, sobre a experiência de formação continuada de professores implementada pela Escola de Formação Paulo de Tarso (EFPT), envolvendo 10 municípios das microrregiões de Valença e Oeiras, no Semi-Árido piauiense.

A Escola de Formação Paulo de Tarso é uma organização não-governamental que há 20 anos desenvolve atividades voltadas para a formação política e cidadã. Sua concepção político pedagógica fundamenta-se na pedagogia de Paulo Freire, comprometendo-se com a valorização da cultura local, com a construção coletiva e dialógica do conhecimento, com a problematização e o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade e com a emancipação dos sujeitos sociais (EFPT, 2004).

O projeto de formação continuada de professores foi desenvolvido, no período de 2004 a 2007, com o intuito de construir novos processos formativos contextualizados no Semi-árido que valorizassem e ressignificassem os saberes docentes através da problematização das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Além disso,

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no 19º Encontro de Pesquisa Educacional Norte e Nordeste - EPENN, 2009, Campus da UFPB, João Pessoa.

<sup>2</sup> Pedagogo, Mestre em Educação e professor do Centro de Ciências da Educação da UFPI (Universidade Federal do Piauí). E-mail: elmolima@gmail.com

buscou estabelecer um diálogo entre os saberes pedagógicos e curriculares e os saberes e valores vivenciados pelas populações sertanejas. Para tanto, priorizou-se também o trabalho de problematização dos materiais didáticos utilizados pelos professores devido o distanciamento desses materiais da realidade sociocultural dos alunos.

O objetivo deste estudo é refletir sobre os processos de formação continuada de professores, desenvolvidos pela EFPT no contexto do Semi-árido Piauiense, a fim de compreender suas contribuições para a produção de novos materiais didáticos voltados para a realidade sociocultural dos alunos. Para tanto, utilizamos a abordagem qualitativa por considerar que ela possibilita a compreensão de elementos subjetivos e simbólicos que permeiam os processos formativos e as práticas educativas desenvolvidas pelos professores (MINAYO, 1994).

Trata-se de um estudo de caso realizado com a participação direta 18 professores/as multiplicadores, em 10 municípios das Microrregiões de Valença e Oeiras. Quanto aos instrumentos de coletas de dados, trabalhamos com a observação participante, a entrevista semi-estruturada e a análise documental.

## **2. Os processos formativos e a produção de materiais didáticos contextualizados no Semi-árido Piauiense**

O Semi-árido Piauiense abrange um território de 125.692 km<sup>2</sup>, correspondendo a 57% da área total do Estado e 13,96% do semi-árido brasileiro. É uma região marcada por irregularidades de chuvas, tendo como vegetação predominante a caatinga. Envolve 151 (cento e cinquenta e um) municípios (70% dos municípios piauienses) e uma população de, aproximadamente, um milhão de pessoas. (LIMA; ABREU, 2007).

De acordo com Silva (2007, p 470), “o semi-árido tem sido histórica e socialmente marcado pelas duradouras contradições e injustiças sociais. Os indicadores sociais nas áreas de saúde, educação e renda são os piores em relação à média nacional”. Para o autor, a maioria dos problemas sociais e econômicos vivenciados na região é consequência da estrutura excludente que predomina no Nordeste, baseado na concentração de terra e de água e na dificuldade de acesso aos meios e recursos necessários à produção agrícola e pecuária.

Em meio a esse cenário, os processos de formação docentes desenvolvidos, historicamente, no semi-árido brasileiro basearam-se no modelo da racionalidade técnica, constituindo-se numa formação técnica, fragmentada e especializada, que se

apega ao cientificismo cartesiano e que vê o professor como um técnico responsável pela reprodução dos conhecimentos científicos de forma mecânica e acrítica.

Neste caso, são propostas de formação que não reconhece as necessidades políticas e pedagógicas vivenciadas pelos professores no cotidiano das escolas, como também, não tem abertura para dialogar com os valores culturais que permeiam as práticas educativas e culturais do sertão nordestino. Além de não reconhecer os anseios e desejos dos professores e das comunidades, tanto os programas de formação docente, quanto as práticas educativas desenvolvidas nas escolas, disseminam um conjunto de valores e crenças que vão de encontro aos sabres culturais produzidos pelas comunidades, e mais, reproduzem narrativas e discursos que reforçam as imagens e os estereótipos construídos sobre o semi-árido enquanto espaço da fome, da pobreza e da miséria (MATTOS, 2004).

Diante desse contexto, o projeto de formação continuada de professores desenvolvido pela EFPT assumiu o compromisso de problematizar as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas do semi-árido piauiense com o intuito de possibilitar a reconstrução dessas práticas através da redefinição do currículo e da reformulação dos projetos políticos das escolas.

No entanto, em meio a esse trabalho, surge a necessidade de discutir-se sobre os materiais didáticos utilizados nas escolas a fim de adequá-los aos princípios político-metodológicos que norteiam a proposta da educação contextualizada. Sendo assim, a produção de novos materiais didáticos voltados para a realidade sociocultural do Sertão tornou-se uma das linhas de formação com o intuito de possibilitar o desenvolvimento de práticas educativas contextualizadas que despertem nos alunos um olhar crítico sobre o lugar onde vivem.

Desse modo, observamos que as primeiras discussões realizadas, durante os eventos de formação, sobre os materiais didáticos ocorrem na perspectiva de problematizar os recursos didáticos (livros, cartilhas, vídeos, dentre outros) utilizados pelos professores nas escolas do Semi-árido. A partir desse trabalho, os docentes tiveram a oportunidade de refletirem criticamente sobre os materiais didáticos e de questioná-los, tendo em vista que aqueles recursos didáticos não estavam contribuindo para o desenvolvimento de atividades voltadas para a realidade dos alunos por serem descontextualizados, conforme enfatizaram as professoras:

[...] antes da Escola de Formação Paulo de Tarso chegar com essa formação continuada para os professores, a escola era totalmente alheia às questões do Semi-árido, além de fazer um trabalho voltado só para o livro didático, que já vem predeterminado o que se deve reproduzir. Isso afetou muito a qualidade do ensino. (P12).

Você sabe que o livro didático ele não aborda as questões locais. As editoras não são daqui do Nordeste, não são do Semi-árido, são lá do sul. Então o professor não tinha aquela preocupação de acompanhar o livro didático e hoje já tá com essa preocupação de pesquisar, de trabalhar a nossa região, o nosso Estado. Então isso aí foi um grande valor da Escola de Formação Paulo de Tarso. (P05).

Por que até trazendo assim para o livro didático, a gente viu que a gente fala de muitas coisas, tipos assim de cidades da região do sul, mas que a gente não valorizava a nossa, e que com esses estudos, com esse projeto que veio até a gente, então a partir daí a gente começou a despertar que a gente tinha que fazer um trabalho mais voltado para isso. (P7).

Essa preocupação dos professores com a qualidade dos livros didáticos distribuídos nas escolas e, principalmente com a visão disseminada sobre o Semi-árido, torna-se compreensível quando nos deparamos com esse material e temos a oportunidade de ver o quanto de desconhecimento e preconceito seus autores têm e disseminam sobre o sertão, conforme podemos observar nos trechos do livro, transcritos abaixo, “Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo”, de autoria do Samuel Murgel Branco e publicado pela da Editora Moderna, destinada aos alunos do ensino fundamental:

Se você viajar de avião, de Salvador para as terras do interior da Bahia, e observar a paisagem, irá deparar com uma brusca mudança. O ambiente úmido da orla marinha, povoado de graciosos coqueiros, e a extensa planície de densa vegetação são, repentinamente, substituídos – a menos de 90 quilômetros do mar – por uma plataforma imensa, de solo pedregoso, de coloração amarelo-avermelhada onde vegetam apenas os cactos e arbustos espinhosos e retorcidos. Uma paisagem seca e pobre, contrastando tristemente com o panorama vivo e alegre do mar e das matas que ficaram para trás. (p.09).

A riqueza cultural do sertanejo, responsável pela sua regionalidade e baseada em tradições, observações e costumes milenares, deve ser objeto de estudo para oferecer-lhe explicações racionais e objetivas sobre a natureza da caatinga, em substituição às suas crendices e atitudes incoerentes e nocivas. (p. 15).

O caboclo é o único ser humano capaz de sobreviver nessas terras [...]. De aparência indolente e tostado pelo sol, com a pele esturricada como as próprias plantas espinhentas e retorcidas que o cercam. (BRANCO, 2004, p.16).

Diante dessas informações distorcidas e estereotipadas sobre o semi-árido e o seu povo, constatamos que os professores têm motivos para ficarem preocupados e, até,

indignados com a forma irresponsável que alguns autores retratam o sertão em suas publicações, sem muitas vezes conhecerem de forma aprofundada o espaço sobre o qual estão descrevendo.

Neste caso, a partir das inquietações dos professores, o projeto de formação passou a incentivá-los a produzirem novos materiais didáticos (cartilhas, painéis, mapas, jogos, dentre outros) voltados para as necessidades pedagógicas das escolas, assim como, para os aspectos sócio-culturais das comunidades. Nesse caso, notamos que algumas escolas aceitaram o desafio e ousaram na construção de materiais didáticos contextualizados, produzido em parceria com os alunos e com a comunidade, que servissem de suporte para as discussões em sala de aula.

Os primeiros materiais didáticos produzidos pelos docentes foram socializados nos eventos de formação, incentivando outros professores a estarem produzindo com os alunos novos instrumentos didático-pedagógicos que ampliassem o trabalho de reflexão e compreensão do Semi-árido. Essa formação associada à produção de material didático voltado para a realidade local teve o apoio e o reconhecimento dos professores, como bem enfatizou P01:

Há uma discussão muito grande nessa formação sobre a produção de algum material. Produção de material que venha mostrar as experiências da gente e que nós já estamos começando a fazer isso que antes a gente não fazia. A gente tem começado a fazer isso, algumas comunidades já tem feito lá, produzindo algum material dos trabalhos que vem fazendo, dos projetos que estão sendo desenvolvidos que é uma coisa nova para nós, que a gente estava sempre fazendo mas não tinha nada de registrado, o máximo era algumas fotografias. E hoje a gente já ta colocando no papel alguma coisa. Já começa a sair um jornal e vai sair uma cartilha e ta começando a sair material, então isso é valorização dos conhecimentos, valorização do que do que a gente ta fazendo nas comunidades. (P01).

Notamos que essa idéia de incentivar a produção de novos materiais didáticos voltados para a realidade das comunidades foi importante tanto para o processo de contextualização das práticas educativas como para a inserção dos alunos no campo da construção dos conhecimentos sobre a realidade local, visto que alguns desses materiais foram elaborados com a participação dos jovens tanto no levantamento das informações sobre a realidade quanto na confecção das cartilhas.

Por conta disso, notamos que as experiências de produção de materiais didáticos voltados para o contexto local vêm se fortalecendo nas escolas devido à motivação que esse trabalho tem provocado nos alunos, nos professores e na comunidade, devido o

significado político que esses materiais têm conquistado ao valorizar e reconhecer os saberes e os valores da cultura local.

São materiais didáticos produzidos a partir de técnicas de impressão bem simples, visto que os professores não tiveram o apoio financeiro do poder público municipal, mas que dão novos significados ao fazer docente, pois, foram construídos com a participação dos professores e dos alunos, abordam aspectos sócio-históricos e culturais do cotidiano e possibilitam a contextualização dos conteúdos das disciplinas às práticas sociais dos jovens. Os significados políticos e pedagógicos desse trabalho tornaram-se evidentes nos eventos de formação quando observamos a satisfação e a empolgação dos professores ao socializarem suas produções com os colegas de curso, tendo em vista que naquela produção difundiam-se suas experiências e suas histórias, assim como, demonstrava a capacidade dos docentes em produzir e sistematizar novos conhecimentos.

Constatamos, portanto, que esse processo de construção de materiais didáticos articulado com o contexto do Semi-árido tem contribuído para que os professores conquistem uma maior autonomia com relação ao trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que, anteriormente, os docentes ficavam limitados aos livros e/ou aos materiais didáticos distribuídos pela secretaria de educação. Os professores não se sentiam capazes e/ou com autoridade político-pedagógica para mudarem os conteúdos abordados durante as aulas, pois eram cobrados pelos diretores e/ou pelos coordenadores pedagógicos para cumprirem com os conteúdos trazidos pelos livros didáticos.

Com esse trabalho, os professores não só passaram a construir uma visão crítica sobre os livros, como também, perceberam o quanto aqueles materiais didáticos ignoram e/ou negam os saberes e a cultura produzida pela comunidade, assim como, disseminam uma visão estereotipada sobre o Semi-árido.

Os materiais didáticos contextualizados dão aos professores maiores subsídios para compreender os processos culturais e políticos a serem trabalhos nas escolas, como também, facilitam os procedimentos didáticos e pedagógicos que serão desenvolvidos com os alunos. Entretanto, além da produção dos materiais didáticos, os professores também precisam construir uma metodologia adequada que favoreça a utilização eficiente desses recursos pedagógicos.

Neste caso, a formação desenvolvida pela EFPT também teve essa preocupação em utilizar, durante os processos de formação, materiais e recursos didáticos que

pudessem auxiliar os professores nesse processo de compreensão dos aspectos sócio-históricos do Semi-árido, assim como, no desenvolvimento de saberes relacionados com a utilização desses novos recursos didáticos, bem ilustrados pelos depoimentos de P03 e P02:

[...] quando a gente vem pra cá os textos que são trabalhados são voltados para a questão das pessoas que vivem no Semi-árido, quando você vai fazer uma apresentação cultural você não pega valorizando lá o Rio de Janeiro, valorizando a região sul, você pega coisa regional, daqui do nosso Semi-árido. Então tem contribuído muito, até traz um aprendizado maior para a gente começar a valorizar mais o que daqui da região. (P03).

Foram utilizados vídeos, por que através do vídeo, além de você vê a imagem, você está vendo o problema de perto e você se sentindo como parte do problema. Na verdade a metodologia que foi empregada veio fortalecer mais o nosso conhecimento e veio até ampliar para fazer com que a gente até utilize essas metodologias em nossas salas de aulas, no cotidiano, na nossa vivência, na escola com os nossos alunos. (P02).

Como bem enfatizaram os docentes, os materiais didáticos utilizados nos eventos de formação contribuíram significativamente para a apreensão da realidade da região, favorecendo a construção de uma visão crítica quanto aos aspectos socioculturais, políticos, econômicos e ambientais, visto que aqueles recursos pedagógicos foram desenvolvidos com a intenção de despertar nos professores essa inquietação pela descoberta do Semi-árido enquanto espaço de possibilidade.

Nessa perspectiva, a produção e a sistematização de novos conhecimentos sobre o sertão tornaram-se um caminho estratégico para a construção de um novo olhar sobre a região, construindo, portanto, novas alternativas de resistências e contestação frente aos discursos e as narrativas difundidas sobre o sertão, numa perspectiva preconceituosa e estereotipada, que diminui e menospreza o seu valor histórico-cultural e o seu potencial sócio-econômico.

Esse trabalho de produção de materiais didáticos contextualizado tem sido uma preocupação de várias organizações que discutem sobre a proposta de educação contextualizada no Semi-árido que, ainda na década de 90, já vinham produzindo os primeiros materiais didáticos nessa área. No entanto, foi a partir da criação da RESAB<sup>3</sup> (Rede de Educação no Semi-árido Brasileiro) que essa idéia ganhou força, transformando-se numa das prioridades da Rede. Em 2005, a RESAB, em parceria com

---

<sup>3</sup> A Rede de Educação no Semi-árido é uma articulação que surgiu em 2000 e envolve as entidades governamentais e não-governamentais, como também, universidades e institutos de pesquisas, com o intuito de construir uma proposta de educação voltada para a realidade sócio-econômica, política e cultural do sertão, tendo a convivência no semi-árido com um dos princípios norteadores das suas discussões políticas e pedagógicas (MARTINS, 2004).

o UNICEF, lançaram os primeiros livros didáticos que abordam, de forma aprofundada, sobre o Semi-árido brasileiro, com os títulos “Conhecendo o Semi-árido 1” e “Conhecendo o Semi-árido 2”, voltado para os alunos do 2º ciclo do Ensino Fundamental I, que trazem conhecimentos sobre a vida, a história e a natureza do Semi-árido.

No caso do Piauí, ainda em 2004, foi criado um grupo de trabalho, envolvendo técnicos, professores e pesquisadores da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Fundação Cultural do Estado do Piauí (FUNDAC), Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí (SEDUC), Programa Permanente de Convivência com o Semi-árido (PPCSA), Secretaria do Desenvolvimento Rural (SDR), Escola de Formação Paulo de Tarso (EFPT), Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMAR) e Cooperativa de Produção e Serviços de Técnicas Agrícolas do Piauí (COOTAPI), com o intuito de construir um livro didático que evidenciassem a realidade sócio-histórica do Semi-árido piauiense, assim como, os seus aspectos ambientais, culturais, políticos e econômicos, possibilitando uma apreensão/compreensão crítica dessa realidade.

Com o apoio do Grupo de Trabalho, mencionado anteriormente, o livro “O Semi-árido Piauiense: vamos conhecê-lo?” foi produzido pelas professoras e pesquisadoras: Iracilde Maria de Moura Fé Lima (UFPI) e Irlane Gonçalves de Abreu (UESPI), e aborda de forma simples, objetiva e clara os aspectos físicos, históricos, econômicos, culturais e ambientais do Semi-árido piauiense, através de uma linguagem dialogada entre professores e alunos de escolas da região, auxiliado por quadros informativos, mapas e fotografias, textos poéticos e músicas.

Com o apoio do Ministério da Educação, esse livro foi distribuído nos 151 municípios do Semi-árido piauiense mediante a realização de uma oficina pedagógica desenvolvidas com o objetivo de construir, juntamente com os professores, alternativas para a utilização dos livros na sala de aula.

Além do livro, foram organizados 04 (quatro) cadernos de atividades correspondentes as 4 séries, sendo o Caderno de atividade 1, direcionado para a 5ª série, o Caderno 2 voltado para a 6ª série, o Caderno 3, referente a 7ª série e o Caderno 4, voltado para a 8ª série do segundo ciclo do ensino fundamental. Esses Cadernos de Atividades, produzidos pelas autoras do Livro “Semi-árido Piauiense: vamos conhecê-los?”, trazem um conjunto de questões formuladas a partir de trechos de músicas, de poesias e de textos de livros e situações problemas que deverão ser analisadas e



interpretadas pelos alunos, possibilitando que eles discutam criticamente sobre o semi-árido piauiense, a fim de compreendê-lo cada vez melhor.

Para Canen (2001), esse processo de flexibilização do programa e dos materiais didáticos para a inserção de elementos culturais locais torna-se uma alternativa importante para a construção de uma educação intercultural. No entanto, a autora faz uma alerta:

Este tipo de prática permite uma maior aproximação com os universos culturais dos alunos, tornando o que se ensina mais significativo para eles. Entretanto, vale assinalar que, embora este seja um aspecto positivo da iniciativa da professora, deve-se ficar atento para que a aproximação com os universos culturais dos alunos ultrapasse uma visão não-crítica de aceitação cultural. (CANEN, 2001, p. 220).

Como defende Freire (1996), não podemos valorizar os elementos da cultura local sem problematizar aquela realidade com o objetivo de construir com o aluno uma olhar crítico sobre os aspectos sócio-históricos daquele contexto. Ou seja, as práticas educativas devem partir do contexto local, possibilitando que os alunos desenvolvam uma compreensão crítica sobre o mundo (local-global).

Canen (2001) destaca ainda a importância desse trabalho de construção de novos materiais didático para o reconhecimento e valorização dos universos culturais dos alunos, possibilitando a formação de cidadão críticos e autônomos. Para ela, “não é demais enfatizar que um maior conhecimento dos universos culturais dos alunos e valorização positiva dos mesmos incrementariam o saber docente no sentido de mobilizar o diálogo “cultura erudita” – cultura popular, nas práticas docentes cotidianas” (CANEN, 2001, p. 220) (grifos da autora).

Entretanto, apesar de reconhecer como um avanço a utilização de outros materiais didáticos que ocupem os espaços dos livros didáticos, a autora vai nos alertar que:

Evidentemente, a abolição do livro didático não significa necessariamente uma preocupação com a diversidade cultural: há livros didáticos cuidadosamente elaborados e deve-se também proceder à observação dos materiais que são usados, do conteúdo das apostilas e das aulas, do enfoque adotado, entre outros. O que se quer enfatizar é que, na medida em que uma flexibilização de programas e materiais didáticos é contemplada, uma via de incorporação dos universos culturais dos alunos concretos da escola pode ser avançada. (CANEN, 2001, p. 221).

Observamos, portanto, que ao invés de descartar os livros didáticos, os professores podem aproveitar as possibilidades que eles apresentam para inserir os conteúdos culturais locais. Assim como podem estabelecer ligações das questões globais com os elementos culturais vivenciados pelos alunos, possibilitando uma releitura crítica do contexto global através de um olhar crítico sobre o local. Esse trabalho possibilita que os jovens possam se encontrar como sujeito, percebendo a sua importância no contexto social global, assim como, pode perceber suas diferenças e semelhanças com outros contextos sociopolíticos e culturais.

Desse modo, a educação desenvolvida numa perspectiva intercultural constitui-se estabelecendo pontes entre o contexto local e o global, fazendo com que os jovens consigam perceber-se como sujeito que tem uma identidade e uma história que pode está em diálogo com outros contextos socioculturais, numa dinâmica de protagonismo, de troca, de inter-relações e não, somente, de submissão e consumo (CANDAUI, 2002).

Diante desse contexto, devemos estar atento quanto a utilização desses livros produzido de forma contextualizada, tendo em vista, a sua distribuição, por si só, não transforma as práticas educativas desenvolvidas nas escolas do Semi-árido. Ou seja, será mais um recurso colocado a disposição dos professores para auxiliá-los nesse trabalho de contextualização do processo educativo, entretanto, seus resultados dependerão da criatividade dos professores e da política curricular das instituições de ensino.

Nas oficinas pedagógicas realizadas para discutir sobre o livro “O Semi-árido Piauiense: vamos conhecê-los?” e planejar as formas de utilizá-los nas escolas, observamos que esse material tem despertado o interesse dos professores e os incentivado a desafiarem-se, ainda mais, a abraçar a luta em defesa de uma educação voltada para a realidade dos alunos e as necessidades das comunidades. Os relatos dos interlocutores confirmam esse ambiente de motivação com a chegada desse livro nos municípios:

[...] agora com a chegada daquele novo livro, o Semi-árido, as escolas de Ipiranga já estão trabalhando, a gente já tem feito trabalho no campo, a gente já trabalhou na escola aqui, no Jardins, na Antonio Tapeti, a questão da revitalização de um riacho que já estava praticamente esquecido. (P05).

[...] os professores se deliciaram com o livro, porque é uma coisa mais próxima da gente, ta partindo da nossa realidade. Então quanto é uma coisa assim que a gente conhece com certeza a motivação é sempre maior. (P12).

[...] o lançamento do livro do Semi-árido, quando nós participamos, um livro que hoje faz parte do nosso currículo, que a gente planeja a partir dele, que a gente busca informações nele, para a nossa prática diária. (P10).

A partir dos relatos dos docentes e das observações realizadas nas oficinas, constatamos que o livro “O Semi-árido Piauiense: vamos conhecê-los?” tem contribuído, significativamente, na construção de novos conhecimentos sobre a região, ampliando, portanto, o processo de formação dos professores e a construção de práticas pedagógicas contextualizadas. Ou seja, verificamos que esse livro trouxe contribuições importantes para a formação desses docentes: a) possibilitou que os professores e os alunos se reencontrassem em suas páginas, despertando, assim, um sentimento de identificação, de auto-valorização e pertencimento, resultando na melhoria de sua auto-estima; b) favoreceu a inserção do debate sobre o Semi-árido no currículo escolar, visto que o livro didático tem uma importância muito grande na cultura escolar dos professores e dos alunos, possibilitando a “institucionalização” da discussão; c) possibilitou que os professores compreendessem diversas questões relacionadas ao campo técnico-científicos do Semi-árido, contribuindo, portanto, numa melhor contextualização das discussões nas áreas de geografia, história, física, química, biologia, dentre outras.

Desse modo, observamos que apesar de vários materiais didáticos (vídeos, revistas, textos, fotos, cartazes, etc.) disponibilizados durante os eventos de formação, somente com a chegada do livro didático o trabalho dos professores sobre o Semi-árido foram ampliados, devido à credibilidade desse recurso didático no imaginário desses profissionais. Esse esforço dedicado na construção dos materiais didáticos contextualizados teve um papel importante dentro desse projeto de formação, pois contribuiu significativamente para que os docentes pudessem compreender e incorporar, com maior facilidade, as mudanças necessárias as suas práticas educativas.

### **Considerações finais**

A partir das reflexões desenvolvidas durante esse trabalho percebemos que os processos de formação docente precisam, cada vez mais, ser desenvolvido de forma contextualizada, criando uma sintonia e um diálogo com a realidade das comunidades como forma de garantir uma formação adequada e articulada não só com o contexto educacional, mas também, com os aspectos sócio-culturais e políticos. Não podemos

continuar desenvolvendo cursos de formação docente centrado num rico debate teórico sem que os professores tenham a oportunidade de construir novos saberes docentes relacionados com o saber-fazer e o saber-ser (TARDIF, 2002).

Nessa perspectiva, verificamos também que os professores precisam, cada vez mais, ser desafiados no sentido de sistematizarem suas experiências e seus saberes relacionados com o saber-fazer docente articulados com os saberes socioculturais dos alunos. Além disso, os docentes devem ousar ainda mais a fim de produzir materiais didáticos que dialoguem com os saberes e as necessidades sócio-política e cultural dos educandos, favorecendo o desenvolvimento de práticas educativas comprometidas com a formação crítica e a transformação social.

Verificamos que os processos de formação docentes desenvolvidos pela EFPT trouxeram elementos teórico-metodológicos que, além de dialogar com os novos estudos desenvolvidos por vários pesquisadores da área de formação docentes (TARDIF, 2002; SCHÖN, 2000; NÓVOA, 1995; PIMENTA, 2006) com relação à valorização dos saberes docentes, a reflexão crítica das práticas pedagógicas, a troca de experiências entre os pares, possibilita ainda que os professores se reconheçam enquanto ser político, enquanto sujeito social que tem um papel estratégico na construção das alternativas de transformação das comunidades e na produção coletiva de novos conhecimentos.

Notamos, portanto, que essa proposta de formação docente contextualizada possibilitou o desenvolvimento de saberes político-pedagógicos voltados para a valorização da cultura local, enfatizando a importância dos saberes dos alunos, reconhecendo-os enquanto sujeitos que produzem conhecimento.

Além disso, observamos que esse trabalho de valorização do contexto sócio-histórico, político e cultural do Sertão contribuiu significativamente para que os docentes ampliassem sua visão sobre o papel social da escola e construíssem novas articulações políticas com a sociedade e com o poder público, possibilitando assim o desenvolvimento de políticas educativas associadas aos projetos de desenvolvimento sustentável na região.

## **Referências**

BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**. 2. ed., São Paulo: Moderna, 2003.

CANDAU, Vera Maria. Interculturalidade e educação escola. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.) **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 47-60.

CANEN, Ana. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 77, p. 207-227, dez. 2001.

\_\_\_\_\_. **Programa de Convivência com o Semi-árido**. Teresina, 2004.

FEIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé; ABREU, Irlane Gonçalves de. **O Semi-árido piauiense: vamos conhecê-los?** Teresina: EDUFPI, 2007.

MARTINS, Josemar. Anotações em torno do Conceito de Educação para a Convivência com o Semi-árido. **Caderno Multidisciplinar**. Educação para a Convivência com o Semi-árido: Reflexões teórica-práticas. Juazeiro – BA: Rede de Educação do Semi-árido Brasileiro, 2004.

MATTOS, Beatriz. Introdução. In: KUSTER, Ângela; MATTOS, Beatriz (Org.). **Educação no contexto do Semi-árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Org.) **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 17-52.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SILVA, R. M. A. da. Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semi-Árido: políticas públicas e transição paradigmática. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 38, n. 3, p. 466-485, jul./set. 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.